

MISSIONÁRIOS

Cimi não pode chegar até Maxacalis

190 Os motivos da proibição da Funai são misteriosos e a comitiva não atinge a reserva

O que estaria por trás da proibição, pela Funai, de entrada de missionárias do Cimi (Conselho Missionário Indigenista) na área Maxacali? Na tentativa de desvendar este e outros mistérios, a reportagem da *TM*, a convite da deputada estadual Sandra Starling, do PT, esteve semana passada em visita à área Maxacali. Mas a frustração foi geral: as fortes chuvas impediram a entrada da comitiva, que só conseguiria chegar lá a pé (18 km) ou de helicóptero, o que gerou um até bem-humorado desafo parlamentar: "São Pedro deve ser PDS".

Com a equipe estavam os geólogos Marcus Pereira de Mello, do Cetic (Centro de Estudos Tecnológicos de MG), e José Antônio Sousa de Deus, de UFMG, este defendendo tese, no final do ano na UFRJ, sobre "Impacto das Minerações em Terras Indígenas". Para a deputada Sandra Starling, lutar pela questão indígena não é um luxo, num momento de tantos problemas sociais, e, sim, uma causa universal, relacionada com valores como os direitos humanos, defendidos pelas Nações Unidas. Surpresa, ela não entendeu quando lhe perguntaram o por quê da viagem, já que "índio não vota". E arrematou: "O exemplo das mulheres Maxacalis, que impediram, por volta de 1940, o extermínio da raça, quando então só existiam 50 remanescentes da tribo (hoje somam 600), deve ser seguido pelas mulheres mineiras".

A questão da proibição por parte da Funai partiu do administrador Regional Flávio Lúcio, sediado em Governador Valadares que, segundo Sandra, "tem nome de bandido

Henrique Leal

que nem aquele do cinema". Por trás desta proibição, segundo o geólogo José Antônio, estão interesses outros que passam, necessariamente, pela exploração mineral, "que ainda não começou mas é a questão política principal geradora do conflito".

Segundo José Antônio, o Vale do Jequitinhonha é rico em pedras preciosas e semipreciosas e as primeiras incursões de civilizados na área foram relacionadas com as frentes de mineração, que representam ameaça séria para muitos povos indígenas, como na área do Alto Rio Negro, dos índios Tucanos e Banibas, onde a invasão de garimpeiros e empresas de mineração, à procura de ouro, desestabilizou a cultura indígena por completo. Da mesma forma, os lanomânis, na divisa com a Venezuela, ficaram totalmente desarticulados devido à exploração de jazidas de ouro, diamantes e topázio azul.

Outros exemplos foram dados pelo geólogo. Na área dos Waimiris e dos Atroaris, no Amazonas, houve redução territorial e populacional das tribos devido à mineração, desaparecendo a caça. Com isto, os índios passaram a se alimentar de enlatados, gerando dependência da economia nacional a poluição hídrica, o que afugentou a fauna. Mas o fato mais grave citado pelo geólogo está ocorrendo em Carajás, com muitas tribos sendo atingidas pela mineração, como no caso da área Gavião onde o desmatamento em grande escala está extinguindo insetos polinizadores da castanha do Pará. Com isto, a cas-



JOSÉ ANTÔNIO

"Índio é considerado cidadão de segunda classe"

tanha tende a acabar e, conseqüentemente, o mesmo poderá ocorrer com os povos que a utilizam.

Para evitar o agravamento desse quadro, várias entidades civis se mobilizaram e lançam nos próximos dias uma campanha de apoio aos Maxacalis, cuja palavra de ordem será: "Minas, respeite quem te viu nascer". Para José Antônio, a trajetória dos Maxacalis (frontalmente contrária à dos índios Avacaneiros, cujas mulheres abortam para não perpe-

tuar a espécie) é de suma importância para a reavaliação da questão indígena no Brasil, que já teve tribos totalmente dizimadas, hoje parte integrante do cotidiano brasileiro através de nomes de cidades como **Muriaé, Manaus, Poté, Nanuque, Aimorés, Cataguases, Araxá**, ou estados como Goiás. "Quem é totalmente branco no Brasil?", indaga o geólogo, taxativo, ao afirmar que não existe ninguém puramente europeu em terras brasileiras.

É possível que o lobo tenha medo do cordeiro?

Por que a Funai (Fundação Nacional do Índio) impediria a entrada de missionárias do Cimi em território Maxacali? Na tentativa de entender a questão, é preciso considerar a existência de duas histórias do Brasil: a oficial e a oficiosa, que não é contada nos bancos escolares.

Até 1910, a política existente no País em relação aos índios era de "guerra declarada": o índio era um entrave ao desenvolvimento, aos invasores, aos "não-brasileiros", um inimigo a ser destruído. A partir do Marechal Rondon, tem início uma política paternalista, de uma certa "cooptação", como resposta à sociedade civil, que exigia um mínimo de direitos humanos. Seria, então, criado um órgão, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), mais tarde substituído pela FUNAI.

Para José Antônio, o simples fato

de haver um órgão para "cuidar" dos índios é uma idéia inteiramente prepotente. "Eles consideram o índio um cidadão de segunda classe, isto é, nem o consideram um cidadão, já que índio não vota". Segundo ele, a menor crítica que se pode fazer à atuação da Funai é a de que ela é paternalista, além de, em alguns casos, ser conveniente com interesses anti-indígenas, como no caso dos índios Waimiriatoari, cuja área foi totalmente desmembrada, reduzida, para a entrada de uma empresa de mineração de cassiterita (minério de estanho), que causou danos seríssimos à comunidade.

Outros exemplos de "convivência" foram lembrados pelo geólogo, entre eles a criação da GRIN (Guarda Rural Indígena), uma tentativa de manipulação do índio pelo próprio índio. "Isto foi de uma insensibilidade completa", desabafo o geólogo José Antônio, ao lembrar os danos causados pe-

la Guarda numa sociedade historicamente acostumada a não ter polícia ou instituições congêneres. Sandra Starling busca, num convênio firmado entre a Funai e a Universidade Federal de Juiz de Fora em 1980, outros exemplos de "cooptação". Nessa época, foi criada uma moeda específica para os índios, não usada em nenhum outro lugar.

Marcus Vinícius é de opinião que os próprios índios têm muita desconfiança da Funai, que ela "não está aí para defender", agindo por interesses outros como tutora no sentido de cercar as ações indígenas, e não amparando ou garantindo. Basta observar que, no caso específico do Cimi, a ação se dá de forma mais livre, já que nenhum Maxacali é cristão, o que é prova cabal da grande consciência de um povo".

Sandra Starling busca na política motivos para entendimento da ques-

tão. "Newton Cardoso é um trator que quer passar por cima de todo mundo. Ele não dá autonomia nem aos municípios, que dirá aos índios". Mesmo sabedora de que a área Maxacali tem, legalmente, "soberania diferenciada", Sandra admite que isto só funciona "nas teses de mestrado" e vê na luta das mulheres Maxacalis pela sobrevivência um exemplo a ser seguido "pelas mulheres brancas que, como eu, comem mandioca e pipoca todas as noites, vendo televisão".

Qual seria a solução para o impasse? Nessa questão houve um senso geral: a autonomia das nações indígenas, soberanas de fato e o respeito pelos seus inalienáveis direitos. "Como é que pode uma nação de apenas 200 mil pessoas ameaçar a segurança nacional?", indaga José Antônio. "É como se o lobo tivesse medo do cordeiro".